

Pinto, Teresa (coord.), Abreu, Ilda; Lousada, Isabel; Esteves, João; Borrêcho, Maria do Céu; Stone, Maria Emília; Moura, Maria Lúcia; Monteiro, Natividade; Guinote, Paulo; Castro, Zília Osório de (2010), *Percursos, Conquistas e Derrotas das Mulheres na 1.ª República*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República – Biblioteca Museu República e Resistência, 150 pp.

Maria Regina Tavares da Silva
Perita da ONU e do Conselho da Europa

Sendo um catálogo de apresentação de exposição integrada no âmbito das comemorações do Centenário da República, esta publicação é muito mais do que um catálogo, aliás lindíssimo, que reproduz e explica os numerosos painéis da exposição. Efectivamente, para além dessa função explicativa, detalhada e didáctica, das imagens dos painéis que documentam e dão visibilidade à presença e participação activa das mulheres nas movimentações sociais e políticas da 1.ª República, o catálogo reúne um conjunto significativo de contributos substantivos elaborados por um grupo de investigadores e investigadoras da época em análise. É um conjunto de ensaios que vão para além da própria exposição, interpretando, explicando, lendo o próprio sentido, formas e alcance dessa participação das mulheres.

Dir-se-ia que, no seu conjunto, exposição e catálogo contribuem decisivamente para um rasgar do véu de invisibilidade e de silêncio que, na análise histórica tradicional, habitualmente cobre a acção das mulheres, enquanto agentes activas e intervenientes dessa mesma História. O catálogo é, nesta perspectiva, um contributo inestimável para um novo olhar sobre a acção das mulheres no momento de viragem política e social que foi a época da 1.ª República.

Por isso, a coordenadora deste trabalho, Teresa Pinto, no capítulo introdutório intitulado «Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República – *um lugar de memória*», define o seu objectivo como o «sublinhar, junto de um público alargado, o papel das mulheres na História», (p. 9) constituindo nas suas palavras quer o catálogo, quer a própria exposição «lugares de memória», em que as mulheres aparecem integradas no conjunto das dinâmicas sociais, políticas e culturais do processo da 1.ª República, ao qual imprimem, assim, um novo significado.

Importa também dizer que a exposição e o catálogo são partes de um projecto mais amplo, de investigação, formação e divulgação científica que, como assinala Natividade Monteiro no capítulo «Mulheres e República – da investigação à divulgação científica», se centra nas trajectórias, perfis, vozes, representações e lutas das mulheres através de «testemunhos escritos, iconográficos e outros da actividade feminina, quais fragmentos de acção e de vida... um pedaço de realidade captada, uma fatia do passado histórico», que deverá tornar-se «património comum em que todos e todas nos possamos rever» (p. 15).

A descoberta de tais percursos é prosseguida em várias vertentes, como nos assinala João Esteves no capítulo «Vivências na 1.^a República». Intervenção no espaço público, nos acontecimentos revolucionários, no republicanismo militante, na mobilização a favor de várias causas e sonhos, concretizada nomeadamente na luta pelo sufrágio, pela melhoria das condições económicas, sociais e culturais da sociedade portuguesa e pelo acesso das mulheres enquanto cidadãs plenas a todas essas vertentes da vida social; prosseguida, por outro lado, na descoberta dessa outra vertente, mais escondida, de realidades e vivências do quotidiano feminino, incluindo a moda e práticas de lazer ou de realidades ligadas a situações de boémia e de marginalidade. Por outro lado, acentua ainda a diversidade das mulheres e grupos de mulheres que intervieram, participaram e reivindicaram. Mais conhecidas as feministas ligadas ao movimento republicano, outras houve cujas vozes também se ergueram, ligadas a correntes monárquicas, católicas e conservadoras, proclamando ideias e ideais, e dos confrontos entre visões diferentes nos dão também conta a exposição e o catálogo.

Aspectos fundamentais, todos eles, para uma compreensão justa do que foi o papel das mulheres na 1.^a República; aspectos que vão sendo desvendados nos vários ensaios, que complementam, aprofundam e iluminam os 28 painéis da exposição.

Assim, de novo, João Esteves discorre sobre «Feminismo, Feminismos e Sufragismo na 1.^a República», traçando um relevante quadro de fundo sob o qual decorre toda a movimentação política e social das organizações feministas e sua relação com o republicanismo militante numa perspectiva simultânea de evolução cronológica das várias fases do movimento feminista e de análise substantiva dos acontecimentos e tendências que o caracterizaram e do seu significado. Um olhar que se detém na luta pelo sufrágio e iniciativas de feminismo sufragista, bem como sobre os seus reflexos, quer a nível nacional quer na própria internacionalização do feminismo português. Numa visão consonante com o objectivo da exposição e do catálogo exprime-se a convicção de que «Cem anos após a proclamação da República, não é mais possível estudá-la sem incorporar o debate feminista, assim como é necessário enquadrar as suas organizações no republicanismo triunfante» (p. 40).

De todos estes factos e acontecimentos nos dá conta a imprensa da época, que Isabel Lousada apelida de «amplificador da voz feminina». Não só órgãos de associações feministas, mas também a grande imprensa nacional; e não apenas a voz revolucionária, quer individual quer das organizações de mulheres, mas também a voz das que se afirmavam nas letras, nas artes e nas ciências; sejam elas «poetisas», «escritoras de velha guarda» ou «intelectuais aristocratas» nas palavras da mesma autora.

Zília Osório de Castro discorre exactamente sobre o grupo das intelectuais e sobre a acção por elas desenvolvida. Detentoras de um «papel ímpar», elas «representavam a consciência do feminino» e tinham a responsabilidade de «divulgar a presença das mulheres no todo social e político, como seres dotados

de direitos, reivindicando a participação na sociedade que se pretendia construir e de que seriam obreiras com as virtualidades que lhe eram próprias» (p. 50).

Responsabilidade que cumpriram essencialmente através da imprensa periódica, através da qual «o feminismo foi sendo definido e divulgado» como visando «a identidade, a dignificação, a libertação e a emancipação das mulheres» (p. 51). Se ao feminismo competia ser a voz das mulheres, essa voz tinha uma face que, na visão da autora, se consubstanciava nas intelectuais feministas. Uma voz que se terá feito ouvir com vigor na reivindicação da lei do divórcio ou do direito de voto, mas também em outros domínios ligados à educação e ao trabalho ou ao associativismo feminino, entre outros.

Naturalmente que em momento de profunda mudança política, social e cultural, como a que a República propunha, nem todas as vozes de mulheres eram consonantes; algumas havia que se pronunciavam contra a mudança, em nome de valores e tradições do passado. Das resistências opostas à evolução verificada em Portugal e dos seus ecos nas hostes de mulheres nos dão conta os artigos de Maria Emília Stone e de Maria Lúcia de Brito Moura.

O primeiro, «Resistências Monárquicas», dá especial «visibilidade às vencidas do 5 de Outubro», que apoiaram os sonhadores que aspiravam à restauração da monarquia ou que ajudaram os presos políticos e as suas famílias e, como tal, eram consideradas «perigosas conspiradoras»; ou ainda as que, de diversas formas, colaboraram no apoio aos soldados portugueses na guerra de 14-18.

O segundo, «Resistências Católicas», dá visibilidade à situação de numerosas mulheres, membros de congregações religiosas, para quem o exílio e a reorganização das suas comunidades em outros países foram o destino imposto pelas circunstâncias de exclusão trazidas pelo novo regime; ou ainda visibilidade a uma acção mais interventiva das mulheres nos círculos e actividades ligadas à Igreja Católica nos momentos difíceis que esta foi forçada a enfrentar.

Mas, se no que se refere ao apoio aos soldados envolvidos na I Guerra mundial e suas famílias, o apoio das monárquicas, acima referido, parece ter tido uma dimensão individual mais acentuada, o apoio das republicanas teve uma vertente colectiva particularmente visível e traduzida nomeadamente na criação de associações específicas, como a Comissão Feminina «Pela Pátria», a sua herdeira, Cruzada das Mulheres Portuguesas ou o Núcleo Feminino de Assistência Infantil da Junta Patriótica do Norte. Destes desenvolvimentos nos dá, de novo, conta Natividade Monteiro no ensaio intitulado «Pela Pátria e pela República. As Mulheres Republicanas e a 1.^a Guerra Mundial».

Foi já referido que, entre os objectivos a que se propunham as organizações feministas, se contavam os relativos à educação das mulheres e à sua independência económica através da participação no mundo do trabalho. Destas áreas se ocupam alguns ensaios inseridos na publicação. Maria do Céu Borrêcho escreve sobre «Mulheres e Educação» e Teresa Pinto sobre «República e Coeducação». Por seu lado, Paulo Guinote aponta aspectos importantes relativos a «As Mulheres e o Mundo do Trabalho na 1.^a República».

A primeira traça um quadro breve da situação da educação e assinala aspectos de mudança trazidos pela República, ao mesmo tempo que aponta algumas das principais reivindicações das feministas e algumas das principais vozes dessas reivindicações. A segunda documenta a evolução da situação de coeducação, mesmo antes da República e após a sua introdução, em vários graus e tipos de ensino e aponta aspectos significativos do debate que se desenvolveu relativamente à educação para as raparigas.

Relativamente ao mundo do trabalho, o autor procede a uma análise plurifacetada, quer da participação das mulheres no mundo do trabalho, formal ou informal, quer da sua relação com esse mesmo mundo, decorrente das diferentes situações sociais, económicas e culturais dos vários grupos e estratos de mulheres da sociedade portuguesa. Relação que, no caso das feministas, na sua maioria provenientes de uma classe média ou média alta, se traduzia na luta pelo acesso a emprego remunerado, para além das responsabilidades da esfera doméstica; ou na luta pelo direito de acesso a sectores específicos de maior qualificação e menor abertura à participação feminina.

Aspectos algo inovadores na abordagem relativa às mulheres na 1.^a República são os contidos nos ensaios finais do catálogo respeitantes às artes, teatro e outras expressões artísticas, bem como à moda e práticas de lazer.

No que se refere ao teatro, o ensaio de Ilda Soares de Abreu, intitulado «A República vai ao Teatro» aponta para a utilização do teatro como veículo de transmissão para o despertar da consciência cívica e para a abertura a novos temas e valores. As mulheres participaram também deste movimento, quer como intervenientes directas das artes do palco, atrizes e coristas, quer ainda como escritoras envolvidas em movimentos republicanos, introduzindo temas que lhes eram caros e em linha com os ideais feministas.

Mas não foi só no teatro; diz-nos Teresa Pinto, em ensaio sobre «Outras expressões artísticas», que «...também na pintura, no desenho, na banda desenhada, nas rendas, na música, no canto...» (p. 111) as mulheres marcaram presença, independentemente de serem ou não feministas ou republicanas. E refere alguns nomes emblemáticos, bem como o facto de muitas terem sido, não apenas artistas mas também mestras de discípulas, que reuniam e ensinavam em seus *ateliers* ou em escolas e oficinas, algumas das quais se tornaram mais tarde artistas de renome além fronteiras, Refere ainda – e é de novo o exercício da visibilidade que percorre todo o catálogo – prémios e galardões obtidos pelas artistas citadas, em exposições e certames nacionais e internacionais.

Temática pouco usual é a que é abordada no último ensaio da publicação sob o título «Marginalidades», da autoria de Paulo Guinote. A participação das mulheres no quotidiano da marginalidade é vista através de figuras como a da criminoso, de abordagem habitualmente reduzida e do âmbito apenas de especialistas, ou da prostituta, amplamente abordada por vários autores e que ele classifica de «personagem ao mesmo tempo luminosa e sombria, vítima e agente das maiores iniquidades da sociedade» (p. 116). Aborda ainda o autor, de forma

breve, a questão da homossexualidade feminina e das primeiras reflexões sobre este fenómeno, que na época iam surgindo.

A compilação destes ensaios, uns mais extensos e aprofundados, outros apontamentos mais breves, mas todos de inegável interesse, é completada por uma cronologia seleccionada que inclui com detalhe o evoluir dos acontecimentos na óptica da temática da exposição e que se desdobra de 1905 a 1928; e é completada naturalmente por um capítulo rico, de inclusão de fontes e bibliografia, incluindo periódicos da época. Acresce ainda como factor de relevo a qualidade gráfica da publicação, a que a profusão, variedade e interesse das imagens reproduzidas dos painéis da exposição – fotos de feministas, de actividades prosseguidas pelas suas organizações, de acontecimentos da época, reproduções de publicações, de cartazes, de manuscritos, de folhas e notícias de periódicos, etc. – traz naturalmente um significado de valor acrescido.

Fazendo jus ao objectivo apontado na Apresentação do catálogo de reconhecimento do «contributo feminino para a construção da nova sociedade que despontava», esta publicação é, no seu conjunto, um instrumento precioso para uma visão mais ajustada do percurso, conquistas e derrotas das mulheres na 1.^a República.